

A Guerra do Vietnã Sob o Olhar do Fotojornalismo⁵²

Tainara Cavalcante Santos⁵³

Resumo

A Guerra do Vietnã durou vinte anos e foi um importante acontecimento para a história da fotografia, tornando-se a segunda revolução do fotojornalismo. O confronto que dividiu o país entre sul e norte foi posterior à Guerra da Indochina, envolvendo Estados Unidos, União Soviética e países vizinhos ao Vietnã. O objetivo da pesquisa foi analisar as fotografias desta guerra – a partir de fotografias reunidas em livro e de agências internacionais - e enfatizar aspectos presentes nos registros fotográficos a fim de revelar importantes episódios do conflito.

Palavras-Chave: Vietnã, Guerra, Fotojornalismo, livro, história

A Guerra do Vietnã

A primeira guerra do Vietnã, a Guerra da Indochina, durou nove anos (1946-1954) e acabou com seis décadas de dominação francesa no Vietnã. Com cerca de 200 mil mortos, envolveu a França e o Japão e era considerado um conflito improvável de ser vencido pelos nativos.

Paraíso (2008) explica que a guerra da Indochina começou depois da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). A insatisfação do povo vietnamita sob o controle francês cria a Liga Pela Independência do Vietnã (VietMihn) sob a liderança de Ho Chi Minh⁵⁴. O Japão também tentou entrar na disputa pela dominação, mas, com a união dos três

⁵² Artigo resultado de Programa de Iniciação Científica da Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação, sob orientação da Profa. Ms. Fernanda Larossi e Prof. Dr. Wagner Belmonte, grupo de estudos “Discursos Midiáticos” (Linha de práticas investigativas I – “Comunicação, Cultura, Sociedade e Educação”)

⁵³ Graduanda em Jornalismo pela Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação FAPCOM

⁵⁴ Figura dominante da política Norte-Vietnamita. Ajudou na formação do Partido Comunista Indochinês, liderou forças contra os japoneses e supervisionou a derrota da França.

principais partidos comunistas (PCI – Partido Comunista Indochinês), é proclamada a República Democrática do Vietnã (RDV).

Foi no final da guerra, em 1954, que o Vietnã foi partido ao meio. O acordo de Genebra aconteceu em 20 de julho e dividiu o Sul e o Norte, o Sul era apoiado pelos Estados Unidos, enquanto o Norte era apoiado pela União Soviética. De acordo com Paraíso (2008), a divisão “temporária” aconteceu no esfriar da Guerra Fria (1947-1991), onde o mundo estava rodeado de impactantes acontecimentos, como a morte de Stalin em 1953, o fim da Guerra da Coreia e as reformas internas da União Soviética.

Wiest; McNab (2016) destacam que, no calor do descontentamento generalizado no Sul, devido a um golpe de estado seguido de uma ditadura militar, a FNL (Frente Nacional de Libertação do Vietnã do Sul - vietcong) é criada. Eles eram especificamente do Sul, mas opostos ao EVN (Exército do Vietnã do Norte). O grupo foi o responsável pela queda da ditadura neocolonial de Diem⁵⁵ e o estabelecimento de um governo democrático nacional no Sul.

Segundo Vicentini (2008), os Estados Unidos tinham objetivos geopolíticos na Ásia. Além de conter o avanço do comunismo, queriam reforçar sua hegemonia sob seus aliados e oponentes mantendo a opinião pública do seu lado. Por isso, apoiaram e deram suporte ao Vietnã do Sul, porém, cerca de 75% do país estava sendo controlado pelo FNL.

(...) a resistência popular às atrocidades perpetradas pelo governo de Diem e pelos americanos mostra a artificialidade da solução nacional dada a um problema social. A fundação da Frente Nacional de Libertação do Vietnã do Sul (FNL) e a crescente presença militar dos Estados Unidos, marca a Segunda Guerra do Vietnã. (VICENTINI, 2008, p.53)

A guerra ganha uma reviravolta em 1968, com a grande Ofensiva do Tet feita pela FNL e Vietcong. Atingiu em cheio seus recursos do EVN e principalmente o vietcong, que

⁵⁵ Depois do acordo de Genebra, o Vietnã deveria ter eleições livres, porém o líder separatista Ngo Dinh Diem cancelou a votação e proclamou a independência do Sul.

quase deixou de existir. Foi executada, quando menos se esperava, durante o Ano Novo Lunar, um importante feriado vietnamita. Tanto o Sul quanto o Norte haviam anunciado um cessar-fogo de dois dias, mas não foi o que aconteceu. A ofensiva do Tet tinha alvos significativos e estratégicos, o principal deles foi Saigon, na Embaixada Americana. (WIEST; MCNAB, 2016)

A televisão coloca a realidade do combate da guerra do Vietnã diretamente na casa das pessoas. Elas muitas vezes se chocavam com o que viam, e esse choque se transformou em protestos furiosos contra a política governamental americana. (WIEST; MCNAB, 2016, p. 200)

O presidente Johnson⁵⁶ vivia um impasse: era impossível manter os Estados Unidos na Guerra, já que sofria pressão social e protestos em seu país, porém uma retirada rápida poderia levar à queda do Vietnã do Sul. Em março de 1968, o então presidente Johnson suspendeu os bombardeios, seis meses depois as operações foram encerradas.

No mesmo ano, os americanos buscavam uma forma de sair da guerra. O governo pressionado promete uma vitória próxima, mas que foi frustrada após a Ofensiva do Tet, forçando Johnson não se candidatar na eleição posterior. A única solução seria capacitar as tropas sulistas para que pudessem se defender sozinhos.

Embora a série de ataques encontrasse algum sucesso inicial, o Vietcong na verdade sofreu uma derrota debilitante no interior nas mãos do poder de fogo superior dos Estados Unidos. A derrota, contudo, tornou-se vitória pois esse evento, o mais importante da Guerra do Vietnã, levou a determinação americana à ruína. (WIEST, MCNAB, 2016, p.136)

A guerra estava agora na mão do novo presidente Richard Nixon⁵⁷, que venceu as eleições com a promessa de paz. A Vietnamização⁵⁸ prometida pelo presidente

⁵⁶ Lyndon Baines Johnson, 36º presidente dos Estados Unidos, e vice de John F. Kennedy. Continuou a expandir o envolvimento americano no conflito, porém perdeu as reeleições para Richard Nixon.

⁵⁷ Richard Nixon foi o 37º presidente dos Estados Unidos, havia perdido as eleições para John Kennedy e vencido posteriormente. Deixou de exercer o cargo em 1974 por conta do escândalo de Watergate e casos de espionagens ao partido adversário.

⁵⁸ O processo de Vietnamização foi a saída gradual dos soldados norte-americanos da guerra e a capacitação dos sul-vietnamitas.

começou em 1969, e parecia estar funcionando já que o Sul possuía uma força armada e moderna capacitada pelos americanos. Depois da retirada dos soldados estadunidenses, o primeiro ataque do Norte foi feito para testar a força do inimigo e a possível reação dos Estados Unidos. Embora a atitude tenha violado o acordo de Paz, os americanos nada fizeram. (WIEST; MCNAB, 2016)

A crença do presidente Thieu⁵⁹ em 1973, era que o poder aéreo americano viria ao seu auxílio sempre que necessário, infelizmente se provou incorreta. O Vietnã do Sul estava agora realmente sozinho, e o Norte sabia que tinha liberdade para agir. (WIEST; MCNAB, 2016, p.242)

Os norte-vietnamitas finalmente venceram e reunificaram a sua nação. A guerra custou um caos econômico para os Estados Unidos e cerca de um milhão de refugiados para eles e a França. As relações internacionais do país ficaram manchadas por conta da “Síndrome do Vietnã”, e anos depois, o presidente Geoge Bush⁶⁰ teve que assegurar que a Guerra do Iraque (nos anos 2000) não seria “outro Vietnã”. (WIEST, MCNAB, 2016)

Apesar da unificação do Vietnã, o país ficou dividido em dois sistemas econômicos: o Norte prosseguia a socialização e o Sul reconstruía a “Revolução Nacional Democrática e Popular”. Porém, o preço da independência custou caro, a paisagem pós-guerra estava devastada e a economia também. Sem ajuda e com o país arruinado, o Norte tornava-se cada vez mais dependente da União Soviética, mas quando esta entrou em colapso, o Vietnã tornou-se o país mais pobre do mundo. Sofrendo um terrível isolamento diplomático, declarou zona de fome pelos desastres agrícolas e climáticos. (VICENTINI, 2008, p.104)

⁵⁹ Nguyen Van Thieu foi o último presidente do Vietnã do Sul (1965 a 1975), antes da unificação do país. Pouco antes da vitória do Norte, abandonou a presidência e fugiu do país para não ser executado.

⁶⁰ 43º Presidente dos Estados Unidos, em seu mandato apoiou a “Operação Liberdade do Iraque”, uma invasão que começou em 2003 e terminou no mesmo ano.

Livro Another Vietnam: Pictures of the War From the Other Side

Apesar da Guerra do Vietnã ser considerada o primeiro conflito televisionado, não há dúvidas que foi lembrada também pela fotografia. Os registros fotográficos eram produzidos, em sua maioria, por correspondentes americanos de grandes agências de notícias, como a United Press International (UPI) e a Associated Press (AP) ou por Sul-vietnamitas que vendiam as suas fotos para as agências internacionais.

Porém, a guerra também foi registrada por vietnamitas do Norte. Os fotógrafos militantes registraram o conflito com grande intensidade, mostrando momentos marcantes do desenrolar da guerra e até os mesmos eventos, mas nos veículos internacionais “jamais foram publicados os telegramas da agência do Vietnã do Norte” (RANGEL ANO apud BELTRÁN e CARDONA, 1982, p. 46)

O editor, Doug Niven, fotógrafo em Camboja pela agência France-Press, resolveu reunir as fotos destes militantes em um livro: junto com Henry Allen, veterano da marinha no Vietnã e Tim Page, fotógrafo de combate que esteve no conflito, criaram a obra: *Another Vietnam: Pictures of the War From the Other Side* (Outro Vietnã: Fotografia da Guerra feitas pelo Outro Lado, em tradução livre).

No livro, publicado em 2002 pela editora National Geographic Society (não disponível em português), os autores apresentam as diferentes faces da guerra sobre o olhar dos nativos. Doug Niven foi até ao Vietnã procurar todos os norte-vietnamitas que tinham documentado o conflito e encontrou fotos ainda em negativo que nunca haviam sido impressas ou publicadas.

Na obra, Doug Niven comenta que achava estranho não encontrar nenhuma imagem norte-vietnamita sobre o conflito, nem nos livros de histórias e lugar nenhum. Porém, quando esteve ao Norte do Vietnã, declarou: “*I quickly discovered that vietnamese war photographs were similar to their Western/american counterparts in many ways*”⁶¹ (2002).

⁶¹ Eu descobri rapidamente que as fotografias da guerra vietnamita eram semelhantes às suas contrapartes ocidentais. (Tradução livre)

Para esta pesquisa, o livro descoberto pela internet, a partir de buscas sobre guerras, foi adquirido pelo site de e-commerce Amazon (www.amazon.com). Na posse do exemplar, foram selecionadas inicialmente imagens que ajudaram a refinar o recorte histórico e documental.

A análise foi feita a partir de comparações que destacaram as similaridades e diferenças entre as fotos norte e sul vietnamitas, a fim de traçar uma linearidade entre elas e trazer uma ampliação do conhecimento do detalhamento do conflito.

Para o trabalho foram selecionadas oito fotos. Quatro são do livro “Another the Vietnam: Pictures of the War From the Other Side” e quatro imagens conhecidas das agências: Associated Press (AP) e Unitet Press International (UPI). As fotografias estão atreladas, tanto pela linearidade do tempo e dos acontecimentos quanto pelos aspectos similares nas fotos.

Além disso, o resgate, através de pesquisa bibliográfica, sobre o que foi a guerra, quais os atores envolvidos, o papel das agências de notícias e do fotojornalismo na sociedade ajudou a incorporar esta comparação. Segundo Sakamoto (2014), este tipo de pesquisa consiste em um estudo de natureza básica e documental de abordagem qualitativa. Pode ser considerada, em função dos seus objetivos, uma pesquisa descritiva que pretende identificar nuances perceptivas distintas sobre a Guerra do Vietnã.

Fotojornalismo

A fotografia revelou ter grande força no mundo jornalístico. Com o poder de mobilizar a opinião pública, conquistou o seu espaço e conseqüentemente tornou-se um dos pilares da notícia. Hoje, as fotos não apenas complementam a matéria, mas se tornam outra matéria, lida em código. (FORNI, 2005).

Sousa (2004) destaca que foi o cultivo da foto única que levou os fotógrafos a juntarem elementos significativos em uma única imagem, de forma que fossem facilmente identificados e lidos, tornando-se convergente ao texto jornalístico.

Mais do que a imagem em si, é a intenção testemunhal que prenuncia o uso da fotografia como suporte da informação: pela primeira vez, seu valor não se

encontrava em si mesma, mas no que continha. Com efeito, a fotografia é o primeiro objeto pós-industrial: o valor se transferiu do objeto para informação. (OLIVEIRA, VIECNETINI, 2010, p. 22)

Podemos dizer que a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) iniciou uma revolução no fotojornalismo, que produziu, pela primeira vez na história, um fluxo constante de fotografias e repórteres. O pós-guerra também contribuiu para a revolução tornando-se uma época de massificação da produção fotojornalística. (SOUSA, 2004; ALBUQUERQUE, MARQUINA, LISCIO, SANTOS, 2012).

Os anos de 1920-30, no momento em que nascia a primeira Guerra do Vietnã, marcam a segunda revolução do fotojornalismo. Se comparada aos outros conflitos atuais, a guerra foi a última em que os jornalistas tiveram total liberdade, onde “pautaram” o que queriam ver. (OIVEIRA, VICENTINI, 2010)

Neste momento, a diminuição do interesse público por impressos gerou problemas econômicos ligados ao desvio dos investimentos publicitários para a televisão. Na época, se falou até sobre o fim do fotojornalismo, porém, neste mesmo período que as agências e os serviços fotográficos floresceram e se transformaram em verdadeiras fábricas. O que parecia ser um concorrente transformou-se em inspiração: a televisão foi um forte influenciador, principalmente em relação às cores e aos contrastes. (SOUSA, 2004)

Na Guerra do Vietnã, a televisão não demorava ao reportar os acontecimentos como o fotojornalismo, mas a contextualização e a multiplicação de pontos de vista só eram permitidas pela fotografia. Com isso, Paterson (1984) reforça que os registros fotográficos da época deixaram impressões mais profundas que a televisão. A cobertura fotojornalística da guerra foi-se modificando em consonância com as mudanças nas correntes de opinião do público americano. Quando ela se tornou dominante anti-guerra, as revistas começaram a inserir imagens de situações de combate em tomadas próximas dos eventos. (SOUSA, p.171)

A terceira revolução do fotojornalismo acontece por volta dos anos de 1980-1990. A possibilidade de manipulação computacional da imagem, o aumento da pressão sobre

os fotojornalistas e a industrialização centrada no imediatismo (LOHMANN, BARROS, 2012) marcam mais este momento importante do uso da fotografia para fins jornalístico.

Agência de notícias

As agências de notícias estiveram presentes e foram fundamentais para que a Guerra do Vietnã pudesse ser repercutida por todo o mundo. Nasceram efetivamente no século XIX em Paris, estendendo-se para países com interesses coloniais. Surgem por uma série de fatores, como a expansão do capitalismo e o consumo crescente da imprensa, que, por sua vez, achava mais vantajoso comprar fotografias e informações ao invés de enviar correspondentes. (MARQUES, 2005, p17).

A cobertura fotográfica da Guerra do Vietnã foi ampla e realizada por agências internacionais ligadas a grandes veículos de notícia como a Life⁶² e a Time⁶³, também com independentes como a Magnum⁶⁴. Resultando em uma guerra de imagens e posições opostas no campo político. (MUAD, 2014, p112)

Adventos, como a telefoto⁶⁵ e a rapidez como critério de valor-notícia, fizeram as agências crescerem e monopolizar-se dos anos 30 aos anos 70. Na América Latina, os serviços de notícias norte-americanos United Press International (UPI) e a Associated Press (AP), bem como em outras partes do mundo, foram as principais fontes internacionais de diários e revistas. (BELTRÁN e CARDONA, 1982; SOUSA, 2004)

Discussão

A imagem do anexo I foi tirada em Abril de 1971 na cidade de Hue pela agência Associate Press (AP). Segundo Wiest e McNab (2016) foi onde a Ofensiva do Tet (1968) surtiu mais efeito. No dia da foto foram encontrados 18 corpos enterrados em valas. Eles faziam parte dos mais de três mil achados pelo ainda Vietnã do Sul.

⁶² A LIFE Magazine foi uma revista de fotojornalismo, fundada em 1936 por Henry Luce depois de adquirir os direitos da marca Life. A revista teve a sua última edição de maio de 2000.

⁶³ Fundada também por Henry Luce e Briton Hadden em 1923 é uma das revistas semanais americanas mais conhecidas do mundo.

⁶⁴ Agência fotográfica fundada em 1947 por um grupo de fotógrafos liderados por Robert Capa.

⁶⁵ Transmissão e recepção a distância de imagens fotográficas por meio de ondas hertzianas.

A foto do anexo II, retirada do livro *Another the Vietnam: Pictures of the War From the Other Side*, foi feita em janeiro de 1968, pelo fotógrafo Vo Anh Khann na Península de Ca Mau. Ela mostra o plano da Ofensiva do Tet sendo orquestrado. De acordo com o fotógrafo, várias pessoas da foto morreram no ataque.

Nas duas imagens é possível perceber uma certa continuidade dos acontecimentos, o anexo II antecedendo e sendo a causa da imagem do anexo I. Wiest, McNab (2016) destacam que os comunistas já estavam cansados de tantas perdas e tinham o objetivo de acabar com a guerra de uma vez por todas.

As duas fotos deixam claro o que Jorge Pedro Sousa (2004) defende quando fala sobre os aspectos da fotografia: “o conceito de informação de forma ampla no sentido de gerar conhecimento, contextualizar, ajudam a perceber e fomentar a sensibilidade dignificadora para com o ser humano e os seus problemas”. (SOUSA, 2004 p.157)

A foto do anexo III é mundialmente conhecida como “Menina Napalm” e foi tirada pela agência Associated Press em Tang Bang, noroeste de Saigon em 1972. A imagem repercutiu de maneira rápida e chocou o mundo, principalmente por ser um engano. Os aviões sul-vietnamitas jogaram oito bombas de napalm sobre as aldeias de Tang Bang quando, segundo os jornais, confundiram os uniformes vietcong com o do seu próprio exército causando 30 mortes e 20 feridos.

O anexo IV extraído do livro, foi capturado dois meses após a foto da menina napalm em Hai Duong, ao norte do Vietnã por um fotógrafo desconhecido. Nela, há um aldeão carregando um corpo sem vida de uma cratera bombardeada. Vicentini (2008) destaca que os bombardeios nesta região intensificaram depois da reeleição do presidente Richard Nixon, a fim de pressionar o acordo de Paris, assinado mais tarde em 1973.

Ambas imagens, além de trazer o impacto das consequências da guerra, elas também destacam o olhar dos próprios fotógrafos. O conceito de guerra livre mostrou que “a guerra despertou uma enorme necessidade de imagens que simbolizassem, mostrassem, e interpretassem o confronto, permitindo aos fotógrafos mostrar o que queriam” (OLIVERA, VICENTINI 2010).

É justamente, por considerar todos esses aspectos, que as fotografias nos impressionam, nos comove, nos incomodam, enfim, imprimem em nosso espírito sentimentos diferentes. Cotidianamente, consumimos imagens fotográficas em jornais e revistas que, com o seu poder de comunicação, tornam-se emblemas de acontecimentos, como aquela famosa foto da menina vietnamita correndo com o corpo queimado de napalm, durante a Guerra do Vietnã. A simples menção da foto já nos remete aos fatos e aos seus resultados. (MUAD, 2005)

A fotografia do anexo V foi uma das imagens mais memoráveis da Guerra do Vietnã. Tirada pela United Press International (UPI) em 30 de Abril de 1975, revelou todo o desespero e medo do Sul derrotado. O norte já tinha atacado um ano antes para ver a reação dos Estados Unidos, percebendo que nenhuma ajuda americana iria ocorrer, decidiram tomar o Sul e por fim o Planalto Central. Wiest, McNab (2016) destacam que a única esperança para o sul evitar um destino de morte ou reeducação⁶⁶, aparentava ser uma fuga em massa pelo mar ou pelo ar. Milhares fugiram para cidades costeiras ou bases aéreas. Saigon se tornou um caos, onde as pessoas ainda tentavam fugir nos últimos minutos.

A imagem do anexo VI, retirada do livro, registra momentos antes do assalto ao Planalto, quando um dos tanques norte vietnamita cruza as ruas de Saigon convicto da vitória depois que maioria das cidades já haviam sido tomadas. Capturada pelo fotógrafo Ngoc Thong mostra também vários sulistas comemorando a vitória com medo da reeducação ou da morte. Wiest, McNab (2016) comentam que o Sul, na sua última tentativa, busca um novo acordo com o Vietnã do Norte. Mas este, com a vitória eminente, recusou.

As duas fotografias, apesar de serem poderosas sozinhas, ampliam o detalhamento do contexto histórico da guerra. Sousa (2004) destaca que esta é a consequência das condições culturais, do avanço da técnica e dos elementos informativos desde a primeira revolução do fotojornalismo.

Já não é apenas a imagem isolada que interessa, mas sim o texto e todo o “mosaico” fotográfico em que se tenta contar a “estória”, não raras vezes

⁶⁶ Anos de idealismo forçado em campos criados para punir todos que tiveram algum vínculo com o governo sul vietnamita.

interpretando-se o acontecimento, assumindo-se um ponto de vista, esclarecendo-se ou clarificando-se, explorando-se conotação, mesmo que não se desse conta disso. (SOUSA, 2004) p.72

O anexo VII, fotografado pela United Press International (UPI), foi um dos bombardeios em An Loc norte de Saigon, principal objetivo da operação conhecida como Ofensiva da Páscoa, em 1972. Organizada pelo EVN, não foi tão grande como a Ofensiva do Tet, mas pretendia tomar o Sul em ataques estratégicos. Wiest, McNab (2016) salientam que se todos os ataques fossem bem-sucedidos o Vietnã do Sul estaria nas mãos do EVN. A ofensiva, no entanto, foi um fracasso, custando a vida de 120 mil homens.

Em contrapartida, o presidente Richard Nixon lança a operação Linebacker, como mostra a foto de Dinh Quang Thanh retirada do livro no anexo VIII. A operação devastou o porto de Haiphong e destruiu sistematicamente quase todas as bases de infraestrutura ao redor de Hanoi, como a cidade de Nam Dinh na imagem. Os bombardeios acabaram em Junho, com a vitória do ERV sobre os ataques do norte e uma negociação de paz.

A imagem do anexo VIII foi feita no dia 12 de maio e a do anexo VII foi publicada um dia depois nos jornais internacionais, revelando a destruição dos dois lados ao mesmo tempo.

Apesar da imagem do anexo VIII ser veiculada como o terror da Ofensiva da Páscoa, muitos autores como Sousa (2004) e Oliveira, Vicentini (2010) percebem que o livre acesso à Guerra do Vietnã com menos autocensuras dos fotojornalistas serviam para seguir opiniões contrárias a guerra ou pelo menos, dignas de discussões. Momentos da guerra como a Ofensiva da Páscoa geraram grandes debates na imprensa de vários países que acompanham o desenrolar da guerra.

A foto do anexo VIII não foi vista pela imprensa, ela então aparece apenas como um registro da Operação Linebacker. No entanto, a operação norte americana já estava sofrendo grande repressão, conseqüente de todas as outras fotografias já repercutidas.

(...) Fator que torna o Vietnã sintomático é quanto aos novos rumos da imprensa é a relação entre esta e a opinião pública. Muitos estudos sobre as fotos do Vietnã apontam para o fato de que a produção fotográfica acompanhava os

eventos soprados pela opinião pública norte-americana, primeiramente a favor e depois contra a guerra. OLIVEIRA, VICENTINI (2010) p. 31

As imagens foram capturadas no mesmo intervalo de tempo, porém em operações, regiões e por governos distintos. Porém a similaridade entre elas é grande, trazendo a reflexão que a separação entre o povo vietnamita estava só na cabeça das pessoas, na prática eram todos vítimas de uma guerra que durou 20 anos e transformou o país em um dos países mais pobres do mundo.

Conclusão

As diferenças e similaridades entre as fotos norte e sul vietnamitas, selecionadas para esta reflexão e compiladas das agências internacionais e do livro, reforçam a linearidade entre elas. Com esta breve comparação, a ideia de ampliar o conhecimento sobre a guerra a partir dos olhares distintos – imprensa e nativos – fortalecem o registro fotográfico de uma “guerra livre” como ferramenta histórica.

Foi na Guerra do Vietnã que a imprensa americana quebrou censuras e junto a televisão, tiveram o poder de acompanhar a opinião pública e revelar o que acontecia de fato na guerra mesmo com as forças políticas contrárias.

Atemporais, estas imagens ajudam a recontar trechos de acontecimentos mundiais que marcaram diferentes gerações, nações e reforçam o papel social da fotografia – seja ela produzida por fotógrafos profissionais ou não.

Além disso, foi possível perceber que as imagens complementam o contexto histórico, com perspectivas norte e sul vietnamitas, mostrando que não é apenas uma imagem isolada que importa, mas sim a sequência de diferentes recortes visuais, que marcam a segunda revolução do fotojornalismo.

Anexos

Anexo I



Anexo II



Anexo III



Anexo IV



Anexo V



Anexo VI



Anexo VII



Anexo VIII



Bibliografia

SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história Crítica do Fotorjornalismo Ocidental**. Chapecó: Argos Editora Universitária, 2004.

OLIVEIRA, Erivam Moraes de; VICENTINI, Ari. **Fotorjornalismo** – Uma viagem entre o analógico e o digital. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

MCNAB, Chris; WIEST Andrew. **A história da Guerra do Vietnã**. São Paulo: M. Books do Brasil, 2016.

VICENTINI, Fagundes Paulo. **A revolução Vietnamita**: da libertação nacional ao socialismo. São Paulo: Editora Unesp, 2008.

FORNI, João José. A foto do dia: Ensaio sobre fotorjornalismo e análise documental. **Universitas//Comunicação**. Vol. 3, n. 3, Brasília, abril de 2005.

BELTRÁN, Luis Ramiro; CARDONA, Elizabeth Fox de. **Comunicação Dominada** – Os Estados Unidos e os Meios de Comunicação da América Latina. Rio de Janeiro: Paz e Terra do Brasil pela Editora Nueva Imagen, 1982.

RUY, Karine dos Santos. Comunicação Internacional na Sociedade em Rede. **Revista Competência** Vol.2, n. 2, Rio Grande do Sul: 2009.

MAUAD, Ana Maria. Como nascem as imagens? Um estudo de História Visual. MAUAD, A. M. Como nascem as imagens? Um estudo de história visual. **História: Questões & Debates**, n. 61, p. 105-132, jul./dez. Curitiba: 2014.

SHEIFER, Verônica; SOUZA, Carlos Alberto de. Guerra e Fotorjornalismo: Uma Análise da Revista Realidade na Cobertura da Guerra do Vietnã. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2017, Curitiba. **Anais eletrônicos**. Curitiba: INTERCOM, 2017. Disponível em <http://www.intercom.org.br/sis/eventos/2017/resumos/R12-0583-1.pdf>. Acesso em: jan. 2018.

LOHMANN, Renata; Ana Taís Martins Portanova. A objetividade no Fotorjornalismo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2012, Fortaleza. **Anais eletrônicos**. Curitiba: INTERCOM, 2012. Disponível em <http://www.intercom.org.br/sis/2012/resumos/R7-0518-1.pdf>. Acesso em: jan. 2018.

NATALI, João Batista. **Jornalismo Internacional**. São Paulo: Editora Contexto, 2004.